

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2022

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Contribuições das ciências humanas para a sociedade 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C764 Contribuições das ciências humanas para a sociedade 2 /
Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-898-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.981221802>

1. Ciências humanas. 2. Sociedade. I. Batista, Fabiano
Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Caros leitores e leitoras;

A coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**', dividida em dois volumes, reúne textos de autores e autoras nacionais e internacionais que propõem em trazer discussões atuais, críticas e necessárias sobre a importância, bem como as diversas contribuições dos estudos na área das Ciências Humanas para a sociedade.

Assim, ao longo dos 35 artigos podemos vislumbrar uma série de indagações, questionamentos e reflexões, que negam, afirmam e constroem saberes para que possamos entender e ampliar nosso repertório de conhecimento sobre as mais diversas sociedades e culturas.

Ao longo do primeiro volume é exposto um conjunto de textos que tematizam sobre um panorama nacional, enfatizando, sobretudo, as contribuições das Ciências Humanas para compreensão das dinâmicas e interações no Brasil. Assim, as principais abordagens e temáticas deste volume são: questões regionais, política e planejamento, educação e ciência, representações sociais sobre a velhice, agricultura familiar, questões mercadológicas, condições de trabalho, religião, dentre outros temas que exploram, cada qual a sua maneira, a realidade brasileira e as múltiplas relações com as Ciências Humanas.

No segundo volume os textos reunidos discutem sobre as produções das identidades, subjetivações, metodologias e epistemologia das Ciências Humanas, questões sobre a comunidade surda, juventude, suicídio, vida e morte e processos discursivos, se consolidando como uma abordagem multidisciplinar dentro das Ciências Humanas.

Neste sentido, podemos compreender, a partir das leituras, que as contribuições das Ciências Humanas, ao longo dos anos, nos permitem, conhecer nossa história, a história dos outros, entender o homem e a sociedade como um todo. Suas contribuições nos fornecem informações sobre Política, Mercado, Trabalho, Artes, Natureza, Relações Sociais, dentre outras instâncias da vida humana que precisam, cotidianamente, serem perscrutadas, remexidas e revisitadas, pois todas essas informações fazem de nós seres críticos e nos permitem a entender a realidade a nossa volta.

Por fim, esperamos que a coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**' possa se mostrar como uma possibilidade discursiva para novas pesquisas e novos olhares sobre as contribuições das Ciências Humanas para a sociedade, buscando, cada vez mais, uma ampliação do conhecimento em diversos níveis.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE A PRODUÇÃO IDENTITÁRIA E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DOS INDÍGENAS EM MATERIAL DIDÁTICO PUBLICIZADO NO CIBERESPAÇO

Icléia Caires Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218021>

CAPÍTULO 2..... 16

QUESTIONAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS CONTEMPORÂNEOS: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DA METODOLOGIA DE PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Amilcar Baiardi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218022>

CAPÍTULO 3..... 28

LOS CAMINOS EPISTEMOLÓGICOS EN LA OBRA DE PIERRE BOURDIEU: CIENTIFICISMO, REFLEXIVIDAD Y SENTIDO COMÚN

Pedro Robertt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218023>

CAPÍTULO 4..... 41

ETHOS DA IDENTIDADE CULTURAL EM STUART HALL

Marcelo Manoel de Sousa

Saraí Patrícia Schmidt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218024>

CAPÍTULO 5..... 56

SLAM SURDO: POESIA ORAL INCLUSIVA E ENGAJADA EM ESPAÇOS URBANOS CONTEMPORÂNEOS

Wanderlina Maria de Souza Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218025>

CAPÍTULO 6..... 67

DIFERENÇAS ENTRE FALA E ESCRITA DO SURDO: REFLEXÕES TEÓRICAS SEGUNDO UMA EXPERIÊNCIA PRÓPRIA

Ana Paula Oliveira e Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218026>

CAPÍTULO 7..... 84

PROPOSTA DE UMA METODOLOGIA PSICOSSOCIOLÓGICA DE ANÁLISE DE DISPUTAS E RIVALIDADES EM CENÁRIOS SOCIAIS

Jair Araújo de Lima

José Jorge de Miranda Neto

Juliane Ramalho dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218027>

CAPÍTULO 8..... 105

PREVENÇÃO DO SUICÍDIO EM JOVENS: A RELEVÂNCIA DA AUTOESTIMA

Hanna Helen Gadelha de Souza Othon

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218028>

CAPÍTULO 9..... 110

ENTRE A GLÓRIA E A LOUCURA - A PERSONAGEM FEMININA NA PROSA REGIONALISTA DE *INOCÊNCIA*, *FOGO MORTO* E *LAVOURA ARCAICA*

Rafaella de Aragão Gonçalves Nakayama Borges

Maria Eduarda Stadnick de Medeiros

Rhayane Duarte Rabelo

Luciana de Cassia Camargo Pirani

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218029>

CAPÍTULO 10..... 126

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA BIBLIOTECA ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE A OBRA O GUARANI EM HQ, DE LUIS GÊ E IVAN JAF

Yasmin Rodrigues Menezes

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180210>

CAPÍTULO 11..... 139

CONCEPÇÕES DE MORTE E MORRER DE DOCENTES DO CURSO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DA UERN: A VIDA, VALOR ABSOLUTO

Paulo Sérgio Raposo da Silva

João Bosco Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180211>

CAPÍTULO 12..... 149

A ESCRITA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS E TEXTOS ACADÊMICOS: ACIMA DO BEM E DO MAL?

Flávio Luis Freire Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180212>

CAPÍTULO 13..... 159

A APLICAÇÃO DO INGLÊS INSTRUMENTAL COMO METODOLOGIA ATIVA EM PROJETO INTERDISCIPLINAR NO CURSO TÉCNICO EM QUÍMICA

Daniela Brugnaro Massari Sanches

Gislaine Aparecida Barana Delbianco

Ricardo Francischetti Jacob

Sérgio Delbianco Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180213>

CAPÍTULO 14.....	168
LA REPRODUCCIÓN DE LA ENSEÑANZA DE LA ENFERMERÍA EN GUANAJUATO	
Elia Lona Moctezuma	
Elia Lara Lona	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180214	
CAPÍTULO 15.....	181
O ENSINO DA SOCIOLOGIA: A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA NO ENSINO MÉDIO	
Natalina Sousa Ferreira	
Karine Beatriz Nascimento da Silveira	
Josinete Pereira Lima	
Eleanor Gomes da Silva Palhano	
Sidclay Santos Furtado	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180215	
CAPÍTULO 16.....	192
PRODUCCIÓN DE ESPACIOS DE CONSERVACIÓN	
Amparo Albalat Botana	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180216	
CAPÍTULO 17.....	211
DISCURSO E REPRESENTAÇÃO EM “O JARDINEIRO TIMÓTEO”	
Maria Cecília de Lima	
Eliana Dias	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180217	
CAPÍTULO 18.....	223
COM QUE ROUPA EU VOU: A FUNÇÃO SOCIAL DA ROUPA ENQUANTO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO VISUAL	
Adelci Silva dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180218	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	236
ÍNDICE REMISSIVO.....	237

DIFERENÇAS ENTRE FALA E ESCRITA DO SURDO: REFLEXÕES TEÓRICAS SEGUNDO UMA EXPERIÊNCIA PRÓPRIA

Data de aceite: 01/02/2022

Data de submissão: 12/11/2021

Ana Paula Oliveira e Fernandes

Universidade Federal da Grande Dourados,
Faculdade de Educação à Distância, Curso de
Letras Libras
Dourados – MS
<http://lattes.cnpq.br/2558203778587322>

RESUMO: Este artigo é uma compilação da minha dissertação de mestrado ocorrida em 2017. Meu texto é escrito na forma de Ser Surda. Há incontáveis histórias marcantes sobre a pessoa surda em seu percurso de lutas e tentativas de aceitação pela comunidade ouvinte. Minha vida tem se tornado uma sucessão de desafios, de descobertas, de estranhamentos, de tentativas de compreender o mundo separatista entre os ouvintes e os surdos. Tive uma vida cheia de desafios, pois vivi as experiências de conhecer o preconceito, a discriminação e a resistência à aceitação pelo fato de eu ser surda. Sabia visualizar muitas coisas, mas tinha anseio em entender o que eu via, a realidade, o sentido da interação entre as pessoas. Queria entender o que as pessoas diziam. Qual o sentido e significado da sua fala? A Língua de Sinais sempre fez parte da história, mesmo em registros passados de gerações de surdos para outras, os quais muitas vezes eram ocultos, pelo medo das repreensões sofridas pela proibição da mesma, sobretudo nos espaços públicos. A maioria foi repassada

de geração em geração de surdos através dos tempos na forma da SINALIDADE. Fala e escrita são dois sistemas distintos de significados. Muitas vezes, pessoas se confundem que a escrita seja a grafia fiel da fala. Esta pesquisa esteve baseada em metodologia na análise do discurso e da fenomenologia sobre Ser Surda, além das possibilidades de compreensão entre os dois mundos: dos surdos e ouvintes. Busquei também como metodologia as análises teóricas confrontando a partir da minha própria vivência, sobre relatar o fenômeno de Ser Surda e a capacidade de conseguir me comunicar entre os dois mundos. Espero que neste artigo eu possa descortinar de que a Língua de Sinais foi a responsável pela evolução em todos os aspectos da minha concepção cognitiva.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso; fenomenologia; vivência; pessoas surdas; língua de sinais.

DIFFERENCES BETWEEN SPEECH AND WRITING OF THE DEAF: THEORETICAL REFLECTIONS ACCORDING TO AN OWN EXPERIENCE

ABSTRACT: This article is a compilation of my master's thesis held in 2017. My text is written in the form of being deaf. There are countless remarkable stories about deaf people in their struggles and attempts to be accepted by the hearing community. My life has become a succession of challenges, discoveries and strangeness, as well as attempts to understand the separatist world between non-deaf and deaf people. I have had a life full of challenges, as I lived the experiences of knowing prejudice,

discrimination, and resistance to acceptance for being deaf. I was able to visualize many things, but I was eager to understand what I saw, the reality, the meaning of interaction between people. What do non-deaf people say? What is the sense and meaning of their speech? Sign Language has always been part of history, even in records from deaf generations to others, which were often hidden, for fear of reprimands suffered by its prohibition, especially in public spaces. Most were passed on from generation to generation of deaf people through time in the form of the SIGNALITY. Speech and writing are two distinct systems of meaning. People are frequently confused that writing is the faithful spelling of speech. This research was based on a methodology of discourse analysis and phenomenology about Being Deaf, in addition to the possibilities of understanding between the two worlds: the deaf and the non-deaf. I have also researched as a methodology, theoretical analysis confronting from my own experience, about reporting the phenomenon of Being Deaf and the ability to manage to communicate between the two worlds. I hope that in this article I can see that Sign Language was responsible for the evolution in all aspects of my cognitive conception.

KEYWORDS: Speech analysis; phenomenology; experience; deaf people; sign language.

INTRODUÇÃO

Este artigo é uma compilação da minha dissertação de mestrado finalizada em 2017. Fazendo uma leitura da minha dissertação, a pesquisa fala de uma reflexão acerca sobre o fenômeno Ser Surda, numa dimensão de análise do discurso e de fenomenologia. Nas palavras que escrevi, me faz refletir o quando ainda temos que compreender o ser humano, em todos aspectos: seja ele surdo, cego, negro, indígena, branco, enfim uma infinidade de identidades, mas especialmente, o ser humano. Vou compilar as partes importantes sobre como em minha vivência de Ser Surda, eu pude aprender a escrita, aprender a comunicação e a suprir as minhas necessidades de compreender o mundo exterior das pessoas ouvintes, no qual eu chamo de fronteiras linguísticas. Também gostaria de explanar que, minha escrita é de uma forma, “escrita de pessoa surda”, pois quero ser fiel à forma de Ser Surda.

As pessoas surdas enfrentaram e ainda enfrentam, inúmeros entraves para participar da vida social e educacional decorrentes de sua própria condição de surdez e das formas pelas quais a educação e a sociedade atual se estruturam, assim como também ao desconhecimento em relação aos seus direitos reconhecidos pela Lei nº 10.436/2002, quais sejam: o direito de se expressar e ter o reconhecimento da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) como sua língua.

Os surdos já são constituídos como comunidade, portanto possuem cultura e língua diferentes da comunidade ouvinte. Por muito tempo a surdez era considerada como uma “falha” humana e era necessário “corrigir, descartar ou curar” a pessoa surda para integrá-la na comunidade ouvinte. Através do ouvintismo¹ foram criadas práticas de

1 Segundo Carlos SKILIAR (1998) “trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte” (SKILIAR, 1998, p. 15).

“normalização” do surdo como a metodologia educacional Oralista segundo a qual o surdo teria que aprender a “fala oral e ouvir”. A língua de sinais sempre fez parte da história, mesmo em registros ocultos, os quais a maioria foi repassada de geração em geração de surdos através dos tempos na forma da sinalidade², sendo poucos os registros escritos sobre a língua de sinais. Porém, para a língua de sinais foi (e ainda é de acordo com os pensamentos de pessoas leiga a respeito da língua de sinais ou da pessoa surda) muito difícil obter aceitação e o reconhecimento de seu status linguístico.

Neste trabalho de pesquisa busco refletir de onde vem a discriminação da pessoa surda: vem de sua língua de sinais, de sua escrita, ou de sua condição de sujeito surdo? Através de experiências próprias, enquanto surda, busco por meio das teorias científicas conduzir meu olhar sobre as experiências linguísticas fenomenológicas adquiridas durante minha infância até a descoberta da LIBRAS.

Mesmo tendo graus profundos de surdez (de acordo com o CID 90 – Surdez neurosensorial profunda, praticamente “zero” de capacidade captativa auditiva), oralizada³ e sinalizada: como consegui adquirir a escrita? Como foi possível desenvolver minha linguagem? Em minhas memórias, não me lembro de “ouvir oralmente” as palavras e relacioná-las com a escrita. Tudo que eu via era a relação “Imagem x Escrita”, operava-se em minha mente a memorização da escrita e principalmente o processo de relacionar o significado de cada palavra a seus sentidos e usos na relação social com os simples “apontamentos de dedos” sobre a imagem ou ação.

Minha experiência de linguagem foi de uma época em que não existia a política de inclusão nem intérpretes ou a língua de sinais, muito menos programas ou ações de apoio. Era uma época em que a hegemonia da fala, da leitura labial e da prática do ouvir eram dominantes, assim como nos tempos após o fatídico Congresso de Milão de 1880, onde a educação de surdos foi determinada apenas na vocalidade do oralismo. Por que ocorreu essa hegemonia da oralidade? Para Ladd (2013), a exigência das tentativas de integração social na comunidade ouvinte, uma prática das tentativas de aceitação de um corpo diferente na sociedade majoritária:

[...] o olhar Surdo é atraído, não para a existência da educação por si, mas para a proeminência dada ao ‘milagre’ da fala e leitura labial. Isso sugere-nos a existência de um outro discurso, os Surdos podem muito bem ter sido encarados como completamente humanos, de forma que a educação aperfeiçoa simplesmente a qualidade da sua humanidade. De acordo com esse discurso, não é que a fala e leitura labial sirvam de prova de inteligência, como os educadores diriam, mas antes como uma competência auxiliar

2 O termo SINALIDADE foi por mim pensado para ser usado neste projeto de pesquisa a partir do termo ORALIDADE, pois, de acordo com Marcuschi (2010, pag.25), “a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora”. Assim como os sujeitos ouvintes estão para a oralidade, os surdos estão para a SINALIDADE. Portanto, a Sinalidade é uma prática social interativa na modalidade visual para fins comunicativos sociais que também se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na modalidade visual. (Fernandes, pag. 26, 2017) Agradeço a tradução do Resumo para o Abstrat, no qual teve também a criação da palavra Sinalidade para o inglês SIGNALITY, por Álbrei Scaramuzzi Teixeira de Deus

3 Este termo se refere a pessoa surda que foi treinada a falar oralmente e aprendeu a leitura labial.

Poderia então ter sido uma competência auxiliar inesperada, uma sobrevivência humana ao ambiente social linguístico? Como seria esse acontecimento? Lembro-me de minha fase de “ausência da língua”, quando eu apenas vivia na visualidade das coisas e ações, sempre existiram perguntas quando eu visualizava pessoas conversando na linguagem oral, como por exemplo: o que está acontecendo? O que as pessoas estão fazendo? Para que serve isso? Porque é assim? Porque tem que ser assim? Isso perdurou até que eu descobrisse a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) que me provocou um despertar para a razão de viver.

A pesquisa está ancorada na abordagem descritiva baseada na fenomenologia hermenêutica, pois estudarei minha própria experiência de ser surda, como adquirir minha língua, minha linguagem, minha escrita e como adquirir a LIBRAS como o último fenômeno da essência, o despertar da comunicação entre os mundos ouvinte e surdo, quebrando as fronteiras da comunicação (CRESWELL, 2014). O Sujeito Surdo, a história da comunidade surda, a Língua de Sinais e a linguagem, dentro das perspectivas metodológicas fenomenológicas, serão tomados como objeto de estudo segundo os preceitos teóricos da Análise de Discurso buscando-se compreender a língua não só como estrutura, mas um acontecimento, uma experiência viva da interação social, principalmente da pessoa surda.

É desta maneira que pretendo me questionar sobre a minha vivência entre os mundos ouvinte e surdo; a vivência de ter adquirido a comunicação, a vivência de ter adquirido a escrita e a vivência de ser surda e ser aceita pela comunidade tanto ouvinte como surda. Esses questionamentos levaram-me à Língua de Sinais e sua valorização enquanto corpus, pois foi esta língua que adquiri mesmo em idade avançada que me possibilitou a quebra das fronteiras entre as comunicações surdas e ouvintes; inclui-se neste corpus os relatos de experiências de pessoas envolvidas na minha formação intelectual, comunicativa e cultural.

O CAMINHO DE PEDRAS: ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE O CONTEXTO HISTÓRICO DAS PESSOAS SURDAS

Durante a história da humanidade, as pessoas surdas enfrentaram (e ainda enfrentam) inúmeros entraves para participar da vida social e educacional decorrentes da perda da audição, assim como eu. As formas como se estruturam a educação e a sociedade atual vêm de muitos anos, desde a antiguidade. Pessoas surdas sempre existiram, assim como os preconceitos e a discriminação à sua condição de ser surdo. O simples fato de não poder ouvir empunhou-nos inúmeras restrições, tornou-nos menos humanos e com menos direitos. Além do abandono e também dos genocídios das pessoas surdas e outros deficientes, nossas vidas foram marcadas pela busca da sobrevivência em um mundo difícil.

Relatarei aqui alguns fatos da história da humanidade relacionada às pessoas surdas tentando delinear os percursos do sentido da discriminação e também os episódios de proteção e de reconhecimento da pessoa surda para, então, chegar ao sentido de ser discriminado, um fardo que os surdos carregam até hoje, numa análise do discurso e buscando autores surdos que escreveram sobre suas próprias vivências, raríssimos textos que conseguimos preservar até hoje.

Há incontáveis histórias marcantes sobre a pessoa surda em seu percurso de lutas e tentativas de aceitação pela comunidade ouvinte. Curiosamente, em alguns lugares, os surdos já foram considerados deuses, no caso do Egito, no 5º milênio a.C, quando acreditavam que os surdos podiam ver mensagens dos deuses como intermediários, já que não falavam com a voz. Na verdade, tal concepção era uma forma de os faraós manterem o poder sobre o povo do Egito, já que este via os surdos como seres estranhos, com um jeito de se comunicar diferente; assim, a população tinha medo e pavor dos surdos (CARVALHO, 2007, pag. 08-13).

Na história judaica, em suas referências registradas sobre os surdos, na Lei Hebraica (Talmude), tem-se o registro da existência dos surdos no ano de 1000 a. C. Tratava-se de uma lei que tirava os direitos dos surdos e ainda os classificava como “surdo-mudo”, só “surdo” e só “mudo”, impondo-lhes limitações, pois não podiam casar e também herdar propriedades. Mais tarde gregos, romanos, até a Idade Média, adotaram essas ideias.

Na antiguidade, era muito comum um surdo ser sacrificado em cerimônias de oferendas com o intuito de obter uma melhor coleta de alimentos e proteção ao povo, além de atos de abandono e de rejeição e morte. Sacrificavam não apenas os surdos, mas também outras pessoas com deficiência: na antiguidade chinesa, os surdos eram lançados ao mar, os gauleses os sacrificavam ao Deus Teutates, por ocasião da Festa do Agárico. Em Esparta os surdos eram jogados do alto dos rochedos, em Atenas eram rejeitados e abandonados nas praças públicas ou nos campos; os surdos não eram considerados seres humanos competentes.

Mas há um registro importante na história em que registramos sobre a Língua de Sinais e os Surdos. Na Grécia, através da filosofia dominante, diziam que sem a fala não se desenvolveria o pensamento. Para eles, a fala desenvolvia a linguagem: era o que dava a condição de humano ao indivíduo. Aristóteles, em 355 a.C, defendeu que os que nasciam surdos não podiam receber educação por não terem linguagem eram incapazes de raciocinar. Sócrates, contudo, foi outro filósofo que questionou, em 360 a.C., relacionando a condição dos surdos, com outro tipo de visão e análise, para refletir sobre a origem da linguagem.

Esta frase está escrita em um diálogo entre Hemógenes/ Crátilo/ Sócrates, em um momento que Sócrates questiona Crátilo, no qual faz uma crítica radical da teoria da linguagem, sobre a origem dos nomes. Então em um determinado momento, numa frase exata, Sócrates está em conversa com Hermógenes, seu discípulo e questiona:

SÓC – Responda-me sobre isso (sobre a origem dos nomes): se não tivéssemos voz ou língua e quiséssemos demonstrar reciprocamente, as coisas, não tentaríamos, **como surdos-mudos de agora, manifesta-lás com suas mãos, cabeça e resto do corpo?**

HERM. - Bem , de qual outra forma seria, Sócrates? (pag. 38.Platón -Crátilo 385a-428b. Ano 360 a.C)

A partir deste registro escrito por Platão, podemos reconhecer que a Língua de Sinais e as Pessoas Surdos tem se manifestado curiosidades ao longo da história da humanidade e também como pontos de partidas para a aceitação da Pessoa Surdo, como seres capazes de possuir inteligência e capacidades.

Durante os séculos XVII e XVIII há uma revolução de reconhecimento das capacidades das pessoas surdas, inclusive o reconhecimento da Língua de Sinais. Filósofos, médicos e abades passaram a discorrer sobre as capacidades das pessoas surdas de aprender a se comunicar utilizando diversos métodos de comunicação. Nesse mesmo período houve o surgimento de escolas para surdos por meio de Ponce de Leon, primeiro educador de surdos reconhecido mundialmente. Muitos surdos eram primogênitos da nobreza e por isso as famílias entregavam a Ponce de Leon a tarefa de educar. À época, esses surdos aprenderam filosofia natural e astrologia, além de aprender a ler e escrever (CARVALHO, 2007, pag. 17-25). A maioria das citações encontradas em Carvalho relata ouvintes mostrando e registrando a história da educação de surdos. Ainda é bem raro encontrar livros escritos pelos próprios surdos. O que se destaca na história em relação a surdos que utilizavam a escrita foi o abade Charles Michel de L'Épée que, por razões religiosas, foi responsável por uma mudança revolucionária na capacidade da pessoa surda. Ele se dedicou a aprender e a valorizar a língua nativa dos surdos pobres de Paris para possibilitar uma transformação na comunidade surda. Para muitos, além de ele ser o criador dos "sinais metódicos"⁴, ''e também considerado o "pai dos surdos", pois passou a ver o surdo como um ser com capacidades inteligíveis, que consegue se comunicar através da Língua de Sinais Francesa e da Língua Oral Francesa. (CARVALHO, 2007, pag. 18-24)

Outro fato importante a ser narrado, é sobre que certas pessoas ouvintes se abusavam de serem criadores e "curadores" dos problemas das pessoas surdas, mas há registros que desmascaram, graças a uma Pessoa Surda em que conseguiu aprender a ler e escrever, e de fato registrou o acontecimento sobre as verdades da origem das Línguas de Sinais. Temos um registro que foi descrito por um surdo, como é o caso da obra francesa *Observations D'un Sourd et muèt sur uncours élémentaire. D'éducation des sourds et muéts*⁵ publicado em 1779, por Pierre Desloges, ex-aluno do Abade L'Épée.

4 "Sinais Metódicos", segundo SACKS (2010), refere-se a uma combinação da Língua de Sinais Nativa Francesa com a gramática francesa traduzida em sinais. Foi um método tão bem-sucedido que permitiu que alunos surdos lessem e escrevessem em francês proporcionando, assim, seu acesso às maiores obras e também à educação, além do surgimento de intérpretes da língua de sinais francesa

5 **Observações de um surdo-mudo sobre um curso elementar de educação de surdos-mudos**, Pierre Desloges, publicado em 1779. Paris: B. Morin, 1779, pag. 7-16. Tradução de Daniela Loro

Nesse livro é possível desmascarar que Abade L'Épée, (considerado criador da Língua de Sinais Francesa e a primeira escola de surdos pública no mundo em 1755 por muitos registros que se tem divulgado), não é o “criador” dos sinais, pois Desloges faz um relato minucioso sobre a Antiga Língua de Sinais Francesa, segundo o qual ela já existia antes mesmo da invenção do método dos sinais. À época, é possível “ver/ouvir” a voz do surdo nas escritas defendendo a Língua de Sinais numa publicação que teve apenas uma única edição, enquanto o livro de L'Épée teve repercussão internacional.

A tentativa de apagamento da Língua de Sinais e Ser Surdo surgiu na mesma época de L'Épée; alguns defendiam que o surdo deveria ser oralizado para melhor interagir na sociedade em geral. Jacob Rodrigues Pereira e Samuel Heinicke criticavam o método de L'Épée tendo mantido com ele uma discussão ao longo da vida do estudioso. Eles acreditam que os surdos deveriam primeiro aprender a falar e depois a escrever, tal como as crianças ouvintes. Seu grande objetivo era fazer os surdos falarem vocalmente.

O que me surpreende é que, ainda hoje, observamos o fato de que as pessoas ouvintes são colonizadoras das pessoas surdas, pois toda a divulgação dos saberes da educação e também os métodos da Língua de Sinais foram escritos por ouvintes, sendo restritos o acesso e a divulgação das obras escritas por surdos. Há poucos livros e obras escritas por pessoas surdas, pois não foram preservadas, ou mesmo foram perdidas.

As pessoas surdas voltam a ser vistas como seres humanos inferiores, as relações entre os sujeitos ouvintes e surdos se estabelecem de modo a considerar o corpo como objeto e alvo de poder. Foucault (1989) retrata bem essa situação de que o homem sempre tentou exercer controle sobre o corpo do outro. É o controle do corpo que “se manipula, que se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil” para satisfação da busca de poder. Poder sobre o corpo do outro como forma de controle.

De acordo com Foucault (1989, pag. 117):

Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam. (Foucault 1989, pag. 117)

O “homem-máquina” citado por Foucault, era construído por filósofos como Descartes, que desenvolveu o Método Cartesiano, no qual defende que só se deve considerar algo como verdadeiramente existente caso possa ser comprovada sua existência. Também conhecido como Ceticismo Metodológico, o método segue o princípio de que devemos duvidar de todos os conhecimentos que não possuem explicações evidentes. Este método também se baseia na realização de quatro tarefas: verificar, analisar, sintetizar e enumerar⁶. Tais conceitos confluíram para a busca pelo corpo ideal, inteligível, corpo útil.

Assim foram construídos regulamentos militares, escolares, hospitalares e processos

6 <<http://www.suapesquisa.com/quemfoi/descartes.htm>>. Acesso em: 09/08/2016.

empíricos para controlar ou corrigir as operações do corpo. A concepção de controle do corpo estava presente no Congresso de Milão⁷, onde se buscava a dominação do surdo pelo ouvintismo, visão que já há muito se difundia em relação ao corpo surdo: ele devia ser “consertado”. O acontecimento mais traumático e marcante para a comunidade surda se deu por ocasião do Congresso de Milão de 1880. Os trabalhos e discussões do evento reavivaram as tentativas de genocídio sobre as Comunidades Surdas, como a “morte da Língua de Sinais e Surdos”:

O Homem-Máquina de La Mettrie é ao mesmo tempo uma redução materialista da alma e uma teoria geral do adestramento, no centro dos quais reina a noção de “docilidade” que une ao corpo analisável, o corpo manipulável. É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. (FOUCAULT, pag. 118, 1987)

Tornar o surdo como “dócil”, segundo os princípios do oralismo, tornar o surdo idêntico ao ouvinte, por que isto? Skliar analisa esses acontecimentos, a hegemonia do discurso da deficiência, a prática da discriminação, conhecida como “ouvintismo”, a qual vem de muitos anos:

O que é, mais explicitamente, o ouvintismo? Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado **a olhar-se** e **a narrar-se** como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, e não do ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais. (SKLIAR, 2005, pag. 15)

No século XVIII e XIX a sociedade em geral passa a ter horror aos surdos; os estudiosos começam a dizimar as línguas de sinais e as comunidades surdas e ainda a utilizar os surdos como experimentos da medicina. A aprovação das oito resoluções do Congresso de Milão afetou gravemente a comunidade surda, sua educação, principalmente com a abolição da Língua de Sinais no mundo. A insistência em destacar o ensino da fala acabou por implicar um descuido da escrita; a prioridade da educação dos surdos consistia, principalmente, em treinos de fala e oralidade. Poucos anos depois já não existiam mais professores surdos e também as Línguas de Sinais; muitas crianças tiveram um retrocesso intelectual e desvantagens na educação devido à baixa capacidade de ler e escrever.

Apesar de na educação de surdos ter havido mudanças de abordagens educacionais sempre no sentido de minimizar os prejuízos causados pela rejeição e a não aceitação da língua de sinais e também sua habilidade cognitiva e linguística, ainda hoje permanece o discurso audista, em que sempre se procura colonizar o surdo através do poder da medicalização, denominada por Foucault de “biopoder”. Mesmo assim a sociedade ainda permanece leiga em relação à Pessoa Surda e sua identidade cultural.

7 O Congresso de Milão de 1880 foi organizado com o objetivo de determinar uma única educação de surdos. Esteve em conflito as propostas de educação: o oralismo e a língua de sinais. Então foram convidadas 164 pessoas defensores do oralismo e apenas 4 pessoas da língua de sinais, sendo então vitorioso o oralismo. Para nós surdos, foi considerado uma tragédia, onde foi proibido o uso da Língua de Sinais e expulsão de todas as pessoas surdas da educação.

A Língua de Sinais sempre fez parte da história, mesmo em registros passados de gerações de surdos para outras, os quais muitas vezes eram ocultos, pelo medo das repreensões sofridas pela proibição da mesma, sobretudo nos espaços públicos.

A maioria foi repassada de geração em geração de surdos através dos tempos na forma da SINALIDADE. O termo SINALIDADE foi por mim pensado para ser usado neste projeto de pesquisa a partir do termo ORALIDADE, pois, de acordo com Marcuschi (2010, pag.25), “a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora”. Assim como os sujeitos ouvintes estão para a oralidade, os surdos estão para a SINALIDADE. Portanto, a Sinalidade é uma prática social interativa na modalidade visual para fins comunicativos sociais que também se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na modalidade visual.

FALA E ESCRITA: “ME VER” SIGNIFICA “ME OUVIR” E “TE VER” SIGNIFICA “TE OUVIR”

Em que plano de vivenciamento está a Imagem Externa e Interna que eu vejo sobre o mundo externo em que adquirir a vivência e linguagem? Sobre minha imagem externa e interna de mim, eu me vejo como? Por quê? Neste momento explano o que fiz algumas reflexões sobre a percepção do ver e do ouvir no meu universo e minha essência de Ser Surda sobre a escrita como eu a vejo segundo a minha linguagem e visão de percepção surda. O que entendemos por imagens? As imagens são nossas representações de um mundo externo para o interno onde construímos nossa linguagem e conhecimento. A imagem representa nossa realidade, mas também representa a conservação (memória) das relações sociais entre a comunidade que vivenciamos, seja ela família, escola, eventos diversos (DAVALON, 2015 pag. 25). Toda imagem desenvolve uma atividade de produção de significação, ou ainda pela informação recebida, uma produção cultural sobre representar os objetos do mundo ou ainda mais as informações que ela pode nos fornecer. Como afirma Davalon (2015, pag. 26-7):

Com efeito, aquele que observa uma imagem desenvolve uma atividade de produção de significação; esta não lhe é transmitida ou entregue toda pronta. Esse estado de coisas abre, como aliás insistem em nos fazer observar, a uma liberdade de interpretação (o que quer dizer que o conteúdo “legível”, ou antes “dizível” pode variar conforme as leituras); mas o que faz também – e não se poderia esquecer este ponto – com que a imagem comporte um programa de leitura: ela assinala um certo lugar ao espectador (ou melhor: ela regula uma série com a passagem de uma posição de receptor no curso da recepção) e ela pode “rentabilizar” por si mesma a competência semiótica e social desse espectador. (DAVALON, 2015, pag. 26-7)

Muitas vezes eu procurava entender o mundo externo. Como seria minha imagem externa e interna? Me via como “Narciso” com seu reflexo no espelho, procurando o

mundo externo ser como eu; buscava através da minha imagem externa um entendimento sobre a vivência do outro. Depois que adquiri a surdez aos 03 anos de idade meu mundo de percepção externa se transformou. Minhas visões passaram a ser mais aguçadas, passaram a ter uma sensação de percepção maior de interpretação. É a minha visão que recebia a imagem externa para uma provocação de auto sensação interna de percepção do externo e uma relação de trocas simbólicas entre o mundo ouvinte e surdo.

Eu me vivencio de dentro, assim como Bakhtin em sua explanação sobre o Eu, sobre a vivência externa:

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que comtemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição de fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto e sua expressão - o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função desta ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Assumindo a devida posição, é possível reduzir ao mínimo essa diferença de horizontes, mas para eliminá-la inteiramente urge fundir-se em um todo único e torna-se uma só pessoa (BAKHTIN, 2015. pag. 21).

Sobre o ambiente em que adquiri a linguagem, não foi necessariamente o som que raramente ouvia que me levou a adquirir os conceitos da linguagem. Foram as imagens e experiências vividas que provocaram em mim um fenômeno da linguagem. O linguista afirma que “A linguagem tem um lado individual e social” (SAUSSURE, 2012, pag.40). Assim, toda a minha linguagem foi construída buscando sempre compreender os conceitos das imagens que via no dia a dia.

Tenho refletido em muitos momentos sobre o que vem a ser a linguagem? De que forma as pessoas surdas adquirem linguagem? Linguagem é o sentido das coisas, das nomeações, dos conceitos e ideias de cada coisa. Surdos são capazes de adquirir a linguagem? De que forma?

Há teorias bastante diversificadas sobre a concepção de linguagem. Podemos explicar a concepção de linguagem pela filosofia da linguagem de Bakhtin, e Saussure, linguagem segundo a teoria behaviorista, linguagem segundo teoria Gerativista de Noan Chomsky. Todas as teorias e filosofias têm a linguagem como desenvolvimento social, intelectual, inatista como forma de conhecimento adquirido pela pessoa.

Sobre a linguagem como construção social da pessoa e da língua utilizo-me da filosofia de Peirce, analisada por Santaella. Sobre o conceito de linguagem, Santaella (1979, pag. 12) nos explica que:

Considerando-se que todo fenômeno de cultura só funciona culturalmente porque é também um fenômeno de comunicação, e considerando-se que esses fenômenos só comunicam porque se estruturam como linguagem, pode-se concluir que todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de

A partir do momento em que perdi a audição e ganhei a visão aguçada, minha percepção de mundo passou a ser um mosaico de construções de sentidos e significados de todo conceito que vivenciava. Toda experiência exterior provocava em mim a necessidade de tentar me sentir “incluída”, de sentir fazer parte do corpo da sociedade, pois tudo parecia separado, uma fronteira entre os dois mundos. Mas essas percepções são privadas, nenhuma pessoa poderia perceber como sentia necessidade de me comunicar. Mesmo que eu ouvisse pouco, me sentia “vazia”, os sons não penetravam em meu cérebro, nem os signos de uma palavra. Minha mãe relata sobre essa minha experiência em seu *corpus*:

Ficou um tempo ouvindo uns 50%, depois perdia novamente a audição. Os médicos optaram por não pôr aparelho de audição.

Ela ficava uma época sem ouvir nada, depois voltava a ouvir e depois aprendia tudo o que não tinha aprendido. Era muito interessante e assim foi até chegar aos 6 anos, entrou no Pré-escolar. Ela reclama da professora até hoje, eu não sei porque, ela era muito boa, talvez não tinha compreendido o seu emocional pois ela necessitava de muita amizade e atenção e ela tinha muito pouco. Esse foi um dos motivos que eu mais mexi com as pessoas.

Ana Paula aprendeu sozinha a ler os lábios das pessoas. A partir do 1º momento que ela parou de ouvir ela começou a ler os lábios das pessoas, nem mesmo nós pais percebemos. Quando fez os 1º testes (profissional) percebemos que ela lia os lábios e começou a pôr um objeto na frente da boca para ela não perceber e não ler os lábios. Até hoje ela é assim: lê perfeitamente os lábios das pessoas, sente dificuldade se o homem tem bigode, se a pessoa não articular direito, quando criança fala muito rápido. (MARIA DE FÁTIMA, Mãe da autora. 2015)

Como eu pude captar as informações recebidas? Os sons poderiam ter influenciado a minha linguagem? Alguns sim, outros não, tudo depende do meu corpo e do ambiente social em que estou. Minha mãe dizia que eu sabia o que ela dizia, mas ela não sabia o que se passava no meu interior em tentar entender o que ela queria dizer. Eu procurava sempre um significado buscando observar as interpretações das imagens.

Quando eu era criança ficava tentando buscar o sentido; eu ficava observando as leituras labiais, as expressões faciais, os movimentos do corpo e rosto, dos movimentos das apertações de dedos; era o momento em que sentia a necessidade de observar e interpretar. Até hoje nas conversas orais, mesmo sabendo ler lábios, apesar de ser apenas ver e ler um lábio de cada vez, por que é impossível ver vários lábios ao mesmo tempo, eu ficava e ainda fico a observar as imagens, sempre procurando encontrar um sentido e significado dessas conversas, falas orais. Santaella (1979, pag. 14) descreve muito bem sobre a capacidade inata de uma criança:

Porque uma criança é capaz de ficar talvez, dezena de minutos, na pura absorção contemplativa das qualidades de movimento de um móbile? O que é rara faculdade do artista de ver o que está diante dos olhos, as cores aparentes da natureza, como elas se apresentam sem substituí-las por

nenhuma interpretação? É a capacidade de absorver ícones porosos abertos à simples e despojada possibilidade qualitativa das coisas. (SANTELLA, 1979, pag. 14)

E a escrita? Constantemente meus amigos surdos são cobrados nas escolas e também precisam saber ler e escrever em Língua Portuguesa. Mas não é a realidade deles que os professores de português desejam, pois há uma grande diferença entre a Língua Portuguesa e a LIBRAS. Essa realidade me fez refletir por que só eu consegui adquirir a escrita e leitura. Também me sinto injustiçada por ver tantos surdos que ainda não conseguem nem interpretar uma palavra escrita. Mas como adquirir essa competência? Observamos através do *corpus* de minha mãe e também professora Cida⁸:

Cada palavra ela precisava desenhar e compreender. Depois tinha as frases. Tudo precisava desenhar. Aprendia todas as sílabas com “A” depois vinha com “E” e a criança já sabia ler. Tudo a professora entrava em contato conosco. Eu me lembro que ela começou o “AR” e ela não conseguia entender e foi a partir da palavra “mar” ela desenhou e foi embora. Em junho, ela lia tudo. Nunca vi tanta rapidez para ler e compreender um texto. (MARIA DE FÁTIMA, mãe da autora. 2015)

3- Ao receber a aluna surda, em 1987, na 1ª série, como você se sentiu?

R= No início, ficava APREENSIVA, POIS NÃO TINHA NENHUM PREPARO PARA ALFABETIZAR UMA ALUNA COM SURDEZ. MUITO MEDO DE NÃO CONSEGUIR ALFABETIZÁ-LA. TIVEMOS MUITAS DIFICULDADES SIM, NOS DITADOS, NAS INTERPRETAÇÕES, MAS VENCEMOS TODAS ESSAS DIFICULDADES, FOMOS NOS ADAPTANDO, E SUPERADO TODAS AS DIFICULDADES. (CIDA, professora da autora, da 1 série do ensino fundamental em 1987. 2015)

Em todos os momentos, minha vivência foi baseada na construção das visões, pois não conseguia ouvir nada, tudo para mim eram “as apontações dos dedos”. Eu via minha mãe apontar uma imagem juntando a letra, a leitura labial, eram várias tentativas; minha percepção conseguia entender quando colocava em prática social, ou seja, a imagem deveria estar ligada na escrita. Palavras com significados eu demorava a entender, pois precisava de ações. Minha linguagem só foi possível através de muitas vivências sociais baseadas na visualidade. Toda ação que minha mãe e minha professora que também participou na construção da minha linguagem foram momentos de muita prática social, pois se comportavam como sistemas vivos, ou seja, que se reproduziam como forma de readaptação para a minha nova existência de pessoa surda. Em minha vida, “uma ação me serve como discurso” (LABORIT, 1994). Portanto, como diz Santaella “todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e sentido”.

Para melhor compreender a relação da “Escrita e Imagem”, como práticas sociais no qual eu adquiri a escrita, apresento um exemplo na figura abaixo (Fig. 1) da minha

8 Nome fictício para preservar a identidade.

época de 1ª série do ensino fundamental, em 1987, em que mostra as produções feitas pela professora, as apontações e também mostra as imagens com a ajuda de minha mãe:

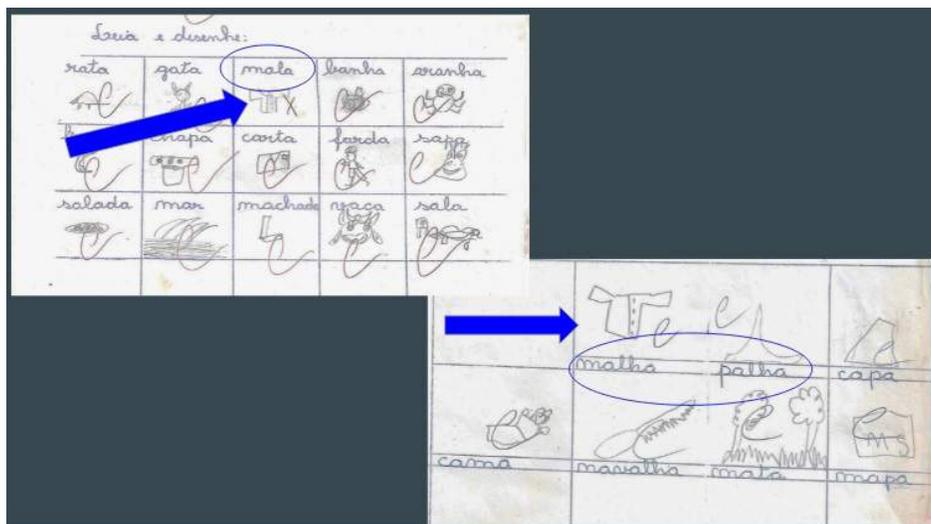


Figura 1: Atividade realizada pela autora em 1987

Esta figura mostrou que as imagens e palavras, além das apontações, eram constantes, como práticas copistas, e que todos os dias precisava memorizar a imagem e a escrita. Constantemente minhas tarefas eram apenas essas práticas de memorização, além da participação da minha mãe, como colaboradora no sentido mediador dos conceitos de signo e significado. Eu demorava ainda mais para entender as palavras, elas só foram produzir sentidos quando depois de muita repetição, eu precisava vivenciar a ação. E toda ação pode ocorrer através de imagem, filmes ou observações feitas no convívio social de um local ou tempo.

Na minha visão sobre as diferenças entre a palavra e a escrita, busco analisando Lótmán (1979) e Saussure (2012), onde ambos retratam a beleza do texto, da escrita e da palavra. Quando observo o conceito da palavra, ela é um representante das línguas naturais que, por sua vez, representa o signo como um sistema linguístico. Para Saussure (2012, pag. 106): “o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”. A palavra engloba todo o sentido que um signo carrega para representar uma parte da linguagem, onde a língua faz seu uso como produto social mediado dentro de uma comunidade. A comunidade que entendo aqui pode representar desde uma simples família até um grupo cultural.

Assim como para Lótmán (1979), eu considero as palavras como signo e esses signos se tornam um texto:

Nas línguas naturais distinguem-se com uma relativa facilidade signos –

unidades constantes, invariantes do texto – e regras sintagmáticas. Os signos diferenciam-se nitidamente em planos de conteúdo e da expressão, entre os quais existe uma relação de independência mútua, de convencionalidade histórica. Num texto artístico verbal, não só os limites dos signos são diferentes, mas o próprio conceito de signo é diferente. (LÓTMAN, 1979, pag. 55)

A escrita é por mim representada como ícone, mesmo que a palavra seja uma imagem gráfica; a escrita está intimamente ligada a um ícone. O que entendemos por ícone Santaella (1979), dialogando com Peirce analisa os modos como o fenômeno reage sobre a percepção da imagem gráfica da escrita. Esses níveis de percepções estão ligados intimamente em nosso interior. De acordo com Lótmán (1979, pag. 56):

Os signos icônicos constroem-se segundo o princípio de uma ligação de dependência entre a expressão e o conteúdo. É por essa razão que a delimitação dos planos de expressão e do conteúdo num sentido habitual para a linguística estrutural torna-se geralmente difícil. O signo modeliza seu conteúdo. Compreende-se que nestas condições se produza num texto artístico uma semantização dos elementos extra-semânticos (sintáticos) da língua natural. (LÓTMAN, 1979, pag. 56)

A escrita se torna uma consciência imediata, tal como nas categorias de Peirce, a primeiridade. A escrita torna-se, conforme Santaella (1979, pag. 09): “uma qualidade da consciência imediata”, ou a pureza e a qualidade do ser e sentir. Tudo que está presente em sua consciência – a imagem – se torna uma ligação tão íntima em seu interior que provoca uma sensação de séries inconstantes e memórias de linguagens provocadas por ações dos discursos. É o incitar do instante em que a escrita provoca em você a sensação da vivência como ser humano:

As interferências são internas, isto é, as que vêm das profundezas do nosso mundo interior, e externas, as que dizem respeito às forças objetivas que atuam sobre nós. Essas forças vão deste o nível das percepções que, pelo simples fato de estarmos vivos, nos inundam a todo instante, até o nível das relações, interpessoais, intersubjetivas, ou seja, as relações de amizade, vizinhança, amor, ódio etc, encontrando ainda as forças sociais que atuam sobre nós: as condições reais de nossa existência social, isto é, as relações formais de classes sociais que variam de acordo com as determinações históricas das sociedades em que se vivem. (SANTAELLA, 1979, pag. 9)

Neste momento em que uso a escrita ela provoca em mim reconhecimento do meu pensamento em tornar-se a palavra em algo concreto. Enfim, a palavra se torna concreta através da escrita e é a escrita que vai materializar meus pensamentos. Sobre o fato de que existem as fronteiras entre os mundos ouvintes e surdos, a escrita se torna a ponte entre as relações destes dois mundos e a relação da palavra com a escrita é a relação íntima entre os dois mundos, é onde eu mais exploro em deduzir minhas palavras para induzir a escrita para o outro.

Para melhor compreender as teorias de Pierce, Lótmán, Saussure e Santaella, criei um desenho gráfico (Figura 2 e 3), simulando as ações do signo da palavra, procurando

diferenciar as fronteiras entre o mundo ouvinte e o mundo surdo, no qual fazem o sentido das percepções, de como a linguagem foi construída através das ações e práticas pela minha mãe e professora.

Sempre procurava sempre relacionar as imagens, as “apontações” com a escrita. Toda minha comunicação foi construída visualmente buscando transformar a oralidade em algo de objeto concreto visual. Não me lembro nada de “ouvir” um só som. Só tenho memórias visuais. Tudo é relacionado às constantes ações de construir conceitos e vocábulos através do signo imagem. Durante uma prova, é possível haver confusão visual na Leitura Labial ou também em aspectos das semelhanças entre as palavras, pois a escrita se tornou um ícone com proximidade com outros ícones da escrita.

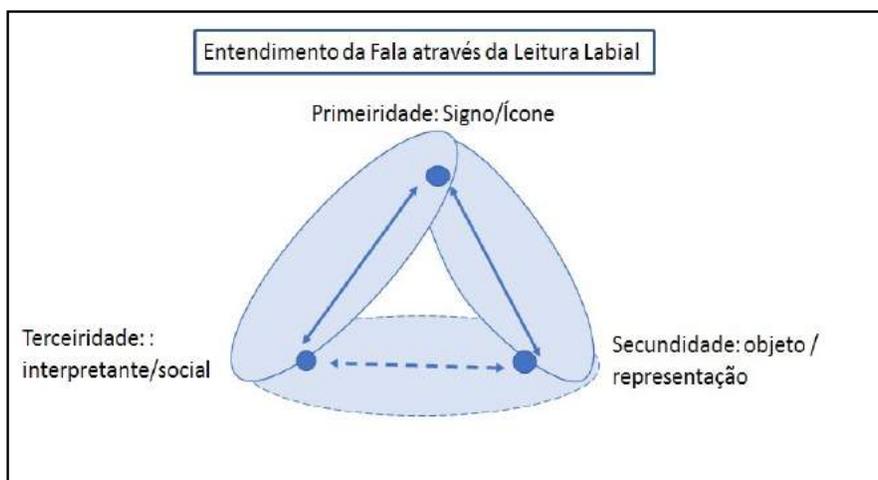


Figura 2: Fala como Leitura Labial

Ao observar esta figura, o círculo está tracejado porque ocorre uma demora na assimilação da mensagem, passa por uma fragmentação da informação, pois são tentativas de enquadrar qual é a linguagem que está representando, tendo em vista que a leitura labial sempre possui conflitos de identificação da fala oral, na visualidade.

Já nesta próxima figura (Fig. 3), quando começa a compreender a fala por sinal, pela Língua de Sinais, ela se torna a categoria completa, a sinalidade é mais perceptível, mais clara de relacionar e assimilar, pois os olhos desempenham uma dupla função de linguagem.

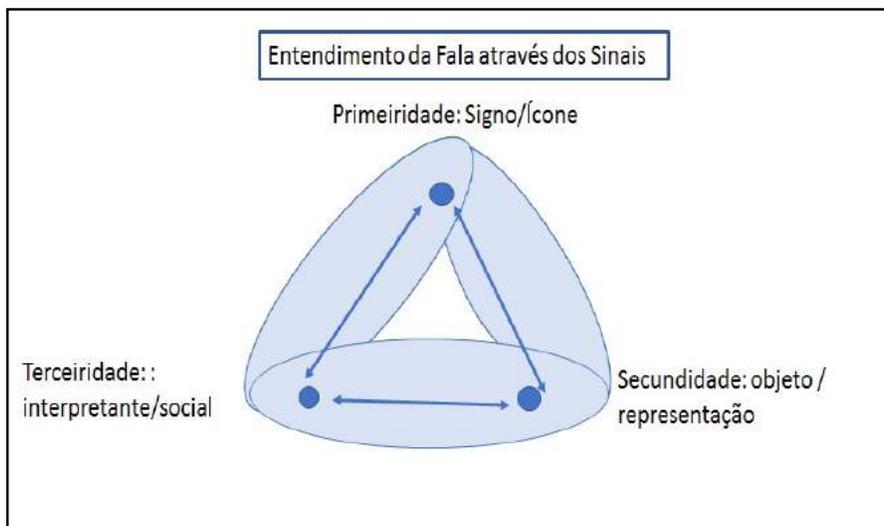


Figura 3: Fala como Sinal

Sendo assim, para compreender essa minha análise sobre o fenômeno de Ser Surda, meu corpo pôde sentir essa experiência fenomênica quando da diminuição da audição e aumento da capacidade visual. Os olhos passam a ter a dupla função da linguagem da assimilação dos signos em significação. E a Libras como língua de modalidade visual é representada através dos cinco parâmetros que são seus *movimentos, expressão facial, configurações de mãos, classificadores, orientação e direcionalidade*, torna-se um todo, um signo arbitrário que, por sua vez, através de seu conjunto de sistema de signos, tornam-se um texto visual que sempre cumpre a função de geração de sentidos.

A LIBRAS passou a ser minha língua, minha essência da comunicação completa após muitos anos de sentidos vazios, ausentes, negritude do silêncio vivenciados ao longo de minha vida. Então a vida passou agora a ter um papel, a “ter uma significação” das coisas e fatos.

A língua então se completa com a LIBRAS. Ela se tornou a essência da minha comunicação na sociedade entre as fronteiras do mundo ouvinte e surdo. A LIBRAS é minha essência de Língua.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**, tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisamneri, 4ª edição – Campinas: Pontes, 1995.

_____. **Problemas de linguística geral II**. Tradução Eduardo Guimarães. Campinas-SPAG. Pontes, 1989.

CARVALHO, P. V. **Breve História dos surdos no Mundo**. Lisboa: Surd'Universo, 2007.

DESLOGES, Pierre. **Observações de um surdo-mudo sobre um curso elementar de educação de surdos-mudos**, publicado em 1779 pelo Abade Deschamps, Capelão da Igreja de Orléans. Tradução de Daniela Valle de Loro (não publicada). Paris: B. Morin, 1779.

FERNANDES, Ana Paula Oliveira e. **Diferenças entre fala e escrita do surdo: reflexões teóricas segundo uma experiência própria. Dissertação de Mestrado em Letras. UFGD. 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/1208>**

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. (R. Ramalheira, Trad.) 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução Salma Tannus Muchail. — 8ª Ed. — São Paulo: Martins Fontes, 1999. — (Coleção tópicos). Acessado em 08/10/2015: <http://tv.upag.pt/uploads/attachment/file/318/foucault-michel-as-palavras-e-as-coisas-digitalizado.pdf>.

_____. In: Las Meninas e A prosa do Mundo. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes. 2000. p. 03-61.

LABORIT, E. **O vôo da Gaivota**. São Paulo: Best Seller, 1994

LADD, Paddy. **Em busca da Surdidade 1 - Colonização dos Surdos**. (M. M. Sintagma, Trad.) Lisboa, PT: Surd'Universo, 2013.

LANE, H. **A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada**. Instituto Piaget. Horizontes Pedagógicos. Lisboa, 1992

LÓTMAN, Iuri. **Teoria: A estrutura do texto artístico**. Trans. M.C.V. Raposo & A. Raposo. Estampa. Lisboa, 1978. pag. 101 a 112.

MARCUSCHI, L.A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2004.

MARQUES, R. R. **A percepção do corpo próprio e o “ser surdo”** (Vol. n. 9). Florianópolis: Ponto de Vista, 2007.

_____. **A experiência de ser surdo: uma descrição fenomenológica**. Tese de Doutorado em Educação. Florianópolis, agosto de 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91744>.

SACKS, O. **Vendo Vozes - Uma viagem ao mundo dos surdos**. (L. T. Motta, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. Coleção 103. Editora Brasiliense. Livro digitalizado e formatado para Projeto Democratização da Leitura. [Http/ www.portaldetonando.com.br](http://www.portaldetonando.com.br)

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 28ª ed.. São Paulo: Cultrix, 2012.

SKLIAR, C. A surdez: um olhar sobre as diferenças. 3ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

PLATÓN. **Crátilo**. Biblioteca Virtual Universal. Acessado e disponível em: <https://biblioteca.org.ar/libros/133614.pdf>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptações literárias 126, 131

Adolescência 105, 106, 107, 108, 109

Análise do discurso 1, 3, 5, 14, 54, 55, 67, 68, 70, 71, 85, 96

Autoestima 105, 106, 107, 108, 109, 232

B

Bourdieu 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 168, 172, 173, 175, 177, 179

C

Ciências da religião 139, 140, 141, 145, 146, 147, 148

D

Descentramento 41, 42, 43, 46, 47, 48

E

Ensino Religioso 139, 140, 144, 146

Epistemologia 16, 17, 18, 20, 26, 40

F

Fenomenologia 67, 68, 70

Formação do leitor 126, 128, 137

G

Gênero feminino 111

Guia didático 1, 2, 3, 5, 7, 9

H

História em quadrinhos 126, 128, 131

Humanidades 16, 17, 20, 145, 146

I

Identidade cultural 41, 49, 50, 53, 54, 74

Indígena 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 68, 114, 208

Indivíduo cartesiano 41, 47, 54

L

Língua de sinais 59, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 81

Literário-político 56

Literatura 60, 63, 64, 65, 111, 112, 113, 117, 124, 130, 137, 138, 151, 179, 211, 219

M

Metodologia 16, 17, 19, 20, 21, 26, 27, 39, 62, 67, 69, 84, 85, 91, 95, 96, 99, 106, 141, 159, 161, 166, 191

Morte 42, 43, 71, 74, 106, 120, 134, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

P

Pesquisa 1, 2, 3, 6, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 39, 40, 54, 59, 65, 67, 68, 69, 70, 75, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 96, 97, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 115, 126, 128, 139, 141, 148, 152, 167, 181, 182, 186, 188, 190, 223, 235, 236

Pessoas surdas 56, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 76

Poesia oral 56, 59, 60, 62, 64, 66

Prosa regionalista 110, 111, 112, 113, 116

Psicossociologia 84, 102

R

Reflexividade 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

S

Sentido común 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37

Slam surdo 59, 60, 62, 64

Sociología 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 179, 208, 210

Subjetividade 1, 6, 7, 11, 16, 19, 20, 25, 45, 46, 47, 48, 153, 156

Suicídio 105, 106, 107, 109

V

Vivência 13, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 80, 130, 224

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2022

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

- 
-  www.atenaeditora.com.br
 -  contato@atenaeditora.com.br
 -  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 -  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2022